

Artigo:

Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância



SANTOS, T. C. C.

**Tuany Cristina Carvalho
Santos**

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e-mail: tuanycarvalho09@gmail.com

Resumo:

A compreensão e o trabalho com as teorias do conhecimento das ciências humanas e sociais, principalmente ao longo das formações de pesquisadores, tornam-se muito importantes, haja vista, o intuito de se construir um novo paradigma de ciência. A Epistemologia Feminista possibilita uma ciência mais equânime e de certa maneira, também mais acessível a todos, ao possibilitar que os sujeitos que geralmente são excluídos no âmbito social possam assumir o protagonismo social. O presente artigo tem como objetivo apresentar de forma breve a conceituação de Epistemologia, com ênfase na Epistemologia Feminista, abordando alguns de seus aspectos históricos, sociais e científicos, bem como a discussão de conceitos fundamentais para compreensão das contribuições dessas teorias para a educação na perspectiva da Pedagogia Feminista e Sociologia da Infância considerando as relações de gênero. Para a discussão da temática, o estudo fundamentou-se em autores como: Louro (1997); Longino (2008); Schiebinger (2001); Rago (1998); Scott (1995); Sarmiento (2005) Faria e Finco (2011) entre outros. A pesquisa é de natureza qualitativa e utilizou-se da pesquisa bibliográfica como instrumento metodológico. A partir da investigação foi possível identificar que a Epistemologia Feminista critica a ciência tida como neutra, e concomitante a isso, a Pedagogia Feminista e a Sociologia da Infância podem possibilitar uma grande transformação no campo epistemológico, não adotando um conceito de verdade absoluta e universal, mas considerando múltiplos conhecimentos e sujeitos produtores deste, além de criticar a perspectiva androcêntrica do campo da ciência e educação.

Palavras-chave: Epistemologia Feminista; Sociologia da Infância; Pedagogia Feminista; Relações de Gênero.

Cadernos de InterPesquisas

Educare et Sabere, Curitiba, Brasil

e-ISSN: 2965-3134

Periodicidade: Fluxo Contínuo

v.2, 2024

URL: <https://esabere.com/index.php/cadips>



Este trabalho está sob uma Licença Creative Commons 4.0 Internacional
Copyright (c) do(s) Autor(es)

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

INTRODUÇÃO

No contexto atual encontramos no campo das pesquisas em educação novos temas e objetos, como por exemplo: religião, gênero, etnias, meio ambiente, entre outros. Porém, estes não podem ser pensados e discutidos de maneira breve ou até mesmo apressada, é preciso termos alguns cuidados pertinentes e uma teoria densa e contextualizada com as renovações pedagógicas necessárias, não somente os relatos de experiências, narrativas e descrições, como se tem visto nas dissertações e teses. Afinal, o recuo da teoria na pós-graduação está fazendo com que os novos objetos, até mesmo os “antigos” se reduzam a fragmentos, sem interrelações, análises de contexto, à serviço da dominação das classes dominantes (MORAES, 2001).

Nesse sentido, destaca-se que se a busca pelo conhecimento pautado em teorias clássicas se fortalecer novamente no âmbito da formação de pesquisadores, estes mesmos objetos poderão enunciar forças críticas, possibilitando mudanças para uma pesquisa e uma educação crítica, democrática, pública, não racista, não sexista e homofóbica (MORAES, 2001).

Diante disso, percebe-se que, a partir de uma perspectiva histórica, os processos educativos e até mesmo, as pesquisas na área de educação, em sua maioria, se caracterizam por terem um caráter sexista, nas quais se privilegiam os homens, contribuindo para a manutenção de uma sociedade patriarcal com perspectivas machistas.

Nesse sentido, destaca-se que alguns filósofos como, por exemplo: Foucault; decretam a crise da razão e da ciência europeia ao salientarem que todo conhecimento é provisório e parcial, apontando para um novo campo e um novo jeito de produzir conhecimentos, os quais criticam o modo dominante de fazer ciência, entendo que tais processos se constroem por indivíduos em interação e não por cientistas isolados (CALVELLI; LOPES, 2013).

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

Ao se abordar as teorias feministas no campo da produção do conhecimento, por meio da Epistemologia Feminista, considerando as relações de gênero, entende-se que o feminismo tem apresentado um papel importante para esclarecer que “[...] não há e nunca houve ‘homens’ genéricos - existem apenas homens e mulheres classificados em gêneros” (HARDING, 1993, p.9).

Destaca-se que ao longo desse trabalho serão abordadas algumas discussões teóricas e práticas que buscam propor uma equidade de gênero, entre homens e mulheres, tanto no âmbito das práticas educativas, como também, no campo das ciências por meio da Epistemologia Feminista, nas pesquisas em educação com a Pedagogia Feminista e Sociologia da Infância, voltadas ao empoderamento e emancipação das mulheres e crianças, desconstruindo paradigmas que tendem a levá-las à submissão, inviabilizando suas práticas (LOURO, 1997).

De acordo com Harding (1993) é importante destacar que a epistemologia feminista é consistente na medida em que se desenvolve a partir de um processo de diálogo com o aparato científico da modernidade e das teorias pós-modernas. Portanto, é necessário haver uma discussão crítica a respeito do desenvolvimento do projeto feminista com vistas às tradições disciplinares na academia, na ciência, de forma a se aprofundar com propriedade e consciência nos debates das epistemologias feministas.

Assim, tem-se por objetivo apresentar de forma breve a conceituação de Epistemologia, com ênfase na Epistemologia Feminista, abordando alguns de seus aspectos históricos, sociais e científicos. Bem como, a discussão de conceitos fundamentais para compreensão das contribuições dessas teorias para a educação na perspectiva da Pedagogia Feminista e Sociologia da Infância considerando as relações de gênero. Destaca-se que a presente discussão se justifica devido à finalidade de se contribuir para uma educação

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

e produção científica mais equitativa, dando voz aos que geralmente são marginalizados, neste caso, as mulheres e crianças.

Haja vista que as teorias feministas são vinculadas ao movimento feminista e por isso, enfatizam as mulheres em suas produções, não se tem uma perspectiva teórica exata que evidencie as crianças e adolescentes como atores sociais ou como um movimento das crianças, nesse sentido, emerge-se a Sociologia da Infância, a qual na perspectiva teórica das Ciências Sociais se constituiu como um campo de conhecimento voltado às formas legítimas de ver o mundo por parte das crianças, as quais se relacionam e produzem culturas, dando às mesmas, direito à voz e à participação em sociedade (FARIA; MACEDO; SANTOS, 2015).

Diante dos aspectos mencionados, observa-se a importância da compreensão e do trabalho com as teorias do conhecimento das ciências sociais, nas formações de pesquisadores, principalmente às de perspectiva feminista, com o intuito de se construir um novo paradigma de ciência, tornando-a mais equitativa e de certa maneira, também mais acessível a todos, ao possibilitar que os sujeitos que geralmente são excluídos no âmbito social possam se tornarem protagonistas.

Dessa forma, é necessário e de extrema importância estabelecer um trabalho dialético entre a epistemologia e o objeto de estudo do pesquisador, buscando realizar um processo de autorreflexão, considerando valores éticos, estéticos, religiosos, políticos e ideológicos, com base na teoria dos valores, da ciência e do conhecimento de mundo que a filosofia e, conseqüentemente, a epistemologia proporcionam (HESSEN, 1980).

Portanto, justifica-se a escolha da discussão acerca das teorias feministas, bem como da Pedagogia Feminista e Sociologia da Infância, para se discutir nesse trabalho, por considerá-las de grande relevância para o campo epistemológico e educacional, por se tratarem de teorizações pautadas na perspectiva feminina que provocaram uma transformação

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

epistemológica e discutem a necessidade de se problematizar e de se considerar as relações de gênero na produção do conhecimento.

EPISTEMOLOGIA FEMINISTA

A partir de um sentido etimológico, compreende-se que Epistemologia deriva da combinação das palavras gregas *logos*, que significa discurso, e *episteme*, que significa conjunto de conhecimentos, portanto, Epistemologia se constitui enquanto estudo crítico dos princípios, das hipóteses e dos resultados das diversas ciências, ou seja, é a teoria do conhecimento (TESSER, 1994).

Corroborando com tal conceituação, Jensen (2013) afirmam que Epistemologia é a teoria do conhecimento, a qual engendra esforços para investigar algumas questões a respeito da origem do conhecimento, questionado em que se consiste o mesmo, como se pode obtê-lo, como se pode defendê-lo e justificá-lo.

Portanto, considera-se que:

[...] a epistemologia define um campo e uma forma de produção do conhecimento, o campo conceitual a partir do qual operamos ao produzir o conhecimento científico, a maneira pela qual estabelecemos a relação sujeito-objeto do conhecimento e a própria representação de conhecimento como verdade com que operamos. (RAGO, 1998, p. 03)

Diante disso, entende-se que a principal função da Epistemologia é estudar o conhecimento, de forma metódica (referente aos métodos adotados para construção do conhecimento) e reflexiva. Sendo assim, é um estudo que se dedica à organização, formação, desenvolvimento, funcionamento e produtos intelectuais ligados ao conhecimento.

Conforme explicitado acima, tratar-se-á aqui especificamente da Epistemologia Feminista, a qual é definida como:

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

um campo de pesquisa extremamente amplo, que investiga o significado das afirmações e atribuições do conhecimento, as condições e possibilidades do conhecimento, a natureza da verdade e da justificação [...] conjunto de posições e investigações [...] sociopolíticas comuns centralizadas na abolição da desigualdade de sexo e gênero (LONGINO, 2008, p. 505).

Sendo assim, Longino (2008) compreende que a Epistemologia Feminista se torna primordial, principalmente quando se trata da investigação acerca das relações de gênero nas diversas atividades epistêmicas, além disso, a autora considera que existem preconceitos de gênero que permeiam diversas áreas do conhecimento humano, como por exemplo, a ciência e educação.

Rago (1998) nos chama a atenção para o fato de que no contexto brasileiro não há clarezas e nem certezas em relação a uma teoria feminista do conhecimento, pois, ainda é uma questão pouco debatida nas rodas feministas, como também, quando há o debate, este já vem pronto pautado nas traduções de publicações de autoras do Hemisfério Norte. A autora ainda destaca que tal escassez de discussões a respeito da Epistemologia Feminista se justifica pela urgência em se tratar dos problemas sociais e a necessidade rápida de interferência nesse contexto, não deixando tempo disponível para maiores reflexões filosóficas, como as voltadas às questões pertinentes à Epistemologia Feminista.

Segundo Harding (1996, p.12) o pensamento crítico feminista em relação à ciência aponta para uma área fértil em que as categorias do pensamento ocidental necessitam de revisão, pois este se originou de indagações políticas “[...] acerca da discriminação contra as mulheres na estrutura social da ciência, dos usos indevidos da tecnologia e do preconceito androcêntrico nas ciências sociais e na biologia”. De acordo com a autora

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

numa perspectiva feminista, não existe ciência neutra, mas sim uma ciência que enaltece o homem hétero branco.

Nessa perspectiva, Rago (1998) acrescenta que o feminismo além de produzir uma crítica ao modo dominante de produção do conhecimento científico, também propõe um modo alternativo de operação e articulação neste campo. A autora ainda destaca que é necessário consideramos que as mulheres possuem uma “[...] experiência histórica e cultural diferenciada da masculina, [...] uma experiência que várias já classificaram como das margens, da construção miúda, da gestão do detalhe” (RAGO, 1998, p. 03).

Assim, é preciso considerar essas experiências através de uma busca de uma nova linguagem no campo científico, na produção de um contradiscurso em relação ao que vem sido adotado como discurso universal nas ciências, visto que conforme o que fora supracitado, ainda há uma dominação masculina nesse campo.

Schiebinger (2001) corrobora com o fato de a ciência não ser considerada neutra na perspectiva feminista, pois de acordo com a mesma, existem múltiplos preconceitos, estes relacionados a gênero, raça, entre outras questões, porém, a autora destaca que essas desigualdades de gênero, são incorporadas na ciência e acabam influenciando o conhecimento gerado neste âmbito.

Portanto, para a crítica feminista, qualquer forma de ciência que seja considerada ou proposta como universal deve ser duramente criticada, uma vez que todas as categorias tidas como universais acabam por fixar alguns parâmetros, inclusive de poder. Nesse sentido, Bandeira (2008) ressalta que as feministas compreendem a constituição dos procedimentos teóricos enquanto métodos de conhecimento que se constituem em um determinado contexto social e temporal, assim como, os métodos e padrões universais podem passar a constituir o centro ou redutos de um determinado modo de dominação, ao qual a se estabelece uma crítica.

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

Assim, algumas teorias vêm para fomentar a questão de como as mulheres podem receber tratamento mais equitativo dentro da ciência, mas, assim como em outras teorias pode haver algumas “divergências” dessas correntes de pensamentos e a epistemologia feminista não é única, “existe é uma superabundância de ideias, aproximações e argumentos que têm em comum somente o comprometimento de seus autores com a exposição e a reversão da derrogação das mulheres e do preconceito de gênero das fórmulas tradicionais” (LONGINO, 2008, p. 513).

Dessa forma, pode-se entender que apesar de complexa, a questão da epistemologia feminista, retrata a necessidade de se incluir a mulher nas produções científicas, enquanto sujeito histórico e social, considerando as determinações culturais que lhe foram impostas, como também, compreendendo as relações sociais, sexuais e étnicas que as envolvem.

Além disso, se observa que as mulheres de maneira geral, são colocadas como seres inferiores através de discursos masculinos que foram propagados no campo de conhecimento científico e como este, é tido como verdade absoluta e universal, muitas vezes, essas questões passam despercebidas no ambiente das produções acadêmicas por serem naturalizadas, entretanto, há urgência em se discutir tais questões e mudar o cenário do conhecimento científico, tornando-o mais equitativo.

AS RELAÇÕES ENTRE PEDAGOGIA FEMINISTA E SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA

A construção de novos paradigmas no contexto histórico-social emergiu em meados dos anos 60 e 70, período em que surgiu uma avalanche de movimentos sociais que traziam em si novas visões da realidade, se destacando entre estes, o movimento feminista.

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

A discussão de uma pedagogia feminista para a educação deriva de tal movimento, pois, ao longo de sua construção enquanto campo teórico pautou-se na perspectiva relacional do gênero e suas produções de desigualdades quanto ao lugar do feminino na academia. Afinal, as inquietações iniciais dessas feministas, que começavam a ocupar espaço nas universidades, eram a respeito da valorização da mulher e da produção de pesquisas que promovessem ideais feministas.

Já no contexto brasileiro o início do movimento feminista fora marcado por fatores políticos, de acordo com a autora Sarti (2004, p.36) “embora influenciado pelas experiências europeias e norte-americanas, o início do feminismo brasileiro dos anos 1970 foi significativamente marcado pela contestação à ordem política no país, desde o golpe militar de 1964”. Tanto as questões políticas da época, como também a convergência de fatores globais, propiciou a troca de experiências entre o movimento feminista brasileiro e os movimentos norte-americanos e europeus, o que acabou por influenciar não apenas as ações da militância brasileira, mas também grande parte da produção acadêmica.

De acordo com Paiva (1997, p.520) este movimento “trouxo à tona o processo de exclusão sofrido pelas mulheres ao longo da história, onde as várias formas de organização social fizeram-nas ficar confinadas no âmbito do privado, do doméstico”. A autora destaca que o movimento feminista discutia sobre a dominação masculina, peculiar ao patriarcado, a qual tem um papel preponderante no estabelecimento das relações desiguais entre homens e mulheres.

Nessa perspectiva, é importante destacarmos que ao tratarmos das imposições sociais feitas sobre o sexo feminino e masculino, estamos tratando de gênero, o qual é compreendido “como um elemento constitutivo de relações sociais baseada nas diferenças percebidas entre os sexos, e o

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p.21).

A autora Scott (1995) ressalta a necessidade de se ter uma teoria que rompa com a influência das tradições antigas da filosofia ocidental, as quais defendiam uma perspectiva científica que adotava termos universais masculinos e particularidades feministas. Por isso, Sardenberg (2006, p.46) enfatiza que:

[...] a Pedagogia Feminista é entendida como o conjunto de princípios e práticas que visa conscientizar indivíduos, tanto homens como mulheres, da ordem patriarcal vigente em nossa sociedade, dando-lhes instrumentos para superá-las e assim, atuarem de modo a que construam a equidade entre os sexos.

Como podemos ver a Pedagogia Feminista é uma metodologia de trabalho pedagógico que entende que vivemos em uma sociedade patriarcal, marcada por desigualdades nas relações entre mulheres e homens, sendo essas controladas pelas relações de poder, as quais muitas vezes, podem invisibilizar as mulheres.

Portanto, a Pedagogia Feminista se apresenta como um meio para rompermos com a visão androcêntrica que permeia as ciências, questionando o dualismo que permeia as atuais relações entre mulheres e homens, como afirma Louro (1997, p.112-113):

[...] a lógica subjacente a essa proposta se assenta em alguns dualismos “clássicos”: competição/cooperação; objetividade/subjetividade; ensino/aprendizagem; hierarquia/igualdade - dualismo em que o primeiro termo representa o modelo androcêntrico de educação e o segundo termo aponta para uma concepção feminista de educação.

Dessa forma, a Pedagogia Feminista propõe um conjunto de estratégias e procedimentos que rompem com a lógica de que o saber se encontra apenas naquele que é tido como fonte de autoridade e único transmissor de

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

conhecimento. Logo, é proposta a valorização de várias vozes, tornando o diálogo como fonte de uma dinâmica problematizadora, em que todas e todos são falantes e também ouvintes, ou seja, ambos são fontes de conhecimento, por serem capazes de expressar seus saberes.

A Pedagogia Feminista pretende ser libertadora e emancipatória, porque pode possibilitar liberdade, conscientização e transformação dos sujeitos que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Além disso, essa prática deve dar poder às mulheres de forma que as permitam utilizar “estratégias” para superar a condição de submissão e ausência de poder, como afirma Louro (1997, p.119) “[...] as relações sociais são sempre relações de poder e que o poder se exerce mais na forma de rede do que em um movimento indirecional, então não será possível compreender as práticas como isentas desse processo”.

Diante dos aspectos mencionados, percebemos que a Pedagogia Feminista pode ser libertadora, por buscar romper paradigmas estabelecidos social e historicamente, principalmente, ao destacar a importância do diálogo para a construção de conhecimento, com o intuito de romper com relações de poder pré-estabelecidas, que por muitas vezes, acabam impondo aos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, formas de agir, pensar e ser, daí a concepção de que a escola acaba difundindo discursos sexistas, promovendo relações sociais de gênero hierárquicas e desiguais assim como as características de nossa sociedade.

Logo, percebemos que as críticas elencadas pela Pedagogia Feminista nos remetem ao ambiente escolar, especificamente, ao contexto da Educação Infantil, esta compreendida como uma educação primária voltada às crianças. Afinal, é nesse ambiente que podemos perceber diversos discursos que impõe e disseminam um discurso às crianças sobre os papéis sociais pré-determinados destinados a homens e mulheres, justamente a partir de uma relação de poder existente na figura adulta, neste caso, os/as docentes.

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

Por isso, paralelamente à Pedagogia Feminista, a Sociologia da Infância também visa uma nova maneira de enxergar os sujeitos, especialmente, as crianças. De acordo com Corsaro (2011) o projeto da Sociologia da Infância está vinculado à possibilidade de reconhecer as crianças como sujeitos falantes, atuantes e que são capazes de viver experiências a partir de pontos de vista próprios sobre o mundo no qual vivem.

Ademais, Sarmiento (2005, p.361) acrescenta que:

[...] a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo crescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada.

Dessa maneira, pode-se observar que a Sociologia da Infância aborda uma crítica acerca das pesquisas que estudam as crianças em uma perspectiva individualista e o processo de socialização apenas como internalização de conhecimentos e habilidades do mundo adulto. Sendo que, essa teoria defende a perspectiva sociológica, o processo de socialização como um processo de apropriação, reinvenção e reprodução, que tem como sentido único a valorização das atividades coletivas das crianças.

Conforme já relatado, infelizmente no contexto atual, ainda se nota uma prática pedagógica nos ambientes educacionais norteadas pela perspectiva adultocêntrica (DELGADO; MÜLLER, 2005), em que a relação de poder está centrada no adulto, o qual impõe suas vontades e concepções, situação que acaba influenciando nas relações de gênero nesse contexto, afinal, os adultos incutem valores e determinam papéis sociais para meninas e meninos, por acreditarem que as crianças são tábulas rasas, ou seja, como se fossem folhas em branco.

Para mais, Silva (2011) elenca que este campo de investigação, o da Sociologia da Infância, tem contribuído, significativamente, para a

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

desconstrução da suposta naturalidade da infância, ou seja, a perspectiva que analisa as crianças como sujeitas que se desenvolvem segundo modelos, regras e etapas firmemente definidos e impostos a elas.

Nesse sentido, Faria e Finco (2011) afirmam que os estudos das infâncias, pautados numa perspectiva sociológica, objetivam dar visibilidade às crianças, ao que as une, ao que as diferencia e, principalmente, tentam ampliar debates e conhecimentos a respeito das relações de gênero, classe e relações étnicas na infância, portanto, ao se tratar de gênero no campo educacional, a Sociologia da Infância se apresenta como um importante aporte teórico.

Dessa maneira, vê-se que a Sociologia da Infância nos oferece uma oportunidade para se repensar e também, se questionar a respeito das condições em que os conhecimentos são produzidos e principalmente, os lugares que as crianças ocupam nessas dinâmicas.

Logo, percebemos a importância das práticas educativas de caráter sexista/binário, serem refletidas nas escolas, pois estas não fazem apenas a transmissão de conhecimentos, nem apenas os produzem, mas elas também fabricam sujeitos, produzem identidades étnicas, de gênero, de classe. Tais identidades estão sendo produzidas por meio de relações desiguais, o que faz com que seja mantido esse caráter binário e segregador da sociedade em que estamos inseridos, e isso ocorre cotidianamente, com a participação ou omissão das/os professoras/es.

Além disso, é importante ressaltar o vínculo do objeto de estudo da pesquisa de dissertação ao movimento feminista/Pedagogia Feminista, tendo em vista que o contexto a ser pesquisado são Centros de Educação Infantil do município e as relações de gênero nos espaços de aprendizagem e interesse que existem nesses. De acordo com Faria (2006, p.284) “temos hoje no mundo ocidental a creche como um patrimônio do feminismo, da esquerda e do sindicalismo dos anos 70”.

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

Nesse sentido, a autora ainda acrescenta a respeito da necessidade de desenvolver uma Pedagogia que leve em consideração às características das crianças em sua primeira infância e destaca que estamos com um futuro bastante promissor em relação às pesquisas que envolvem as relações de gênero nos espaços que abrangem as crianças na primeira infância, as quais, geralmente buscam compreender e discutir sobre brincadeiras, jogos, desenhos e outros registros sobre a construção cultural e social das relações de gênero. O que nos aponta uma possibilidade de superação da desigualdade que, com certeza, perpassa a educação desde a primeiríssima infância em espaços coletivos na esfera pública convivendo com as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo deste trabalho, de apresentar de forma breve alguns aspectos a respeito da epistemologia feminista, abordando seus aspectos históricos, sociais e científicos, bem como a discussão de conceitos fundamentais para compreensão das contribuições dessas teorias para a educação englobando a Pedagogia Feminista e Sociologia da Infância, no que se refere às questões de gênero. Ressalta-se, primeiramente, a importância de conhecer e ter a possibilidade de fazer relações entre a respectiva teoria epistemológica estudada com o objeto e sujeitos da pesquisa que se está desenvolvendo.

Percebe-se que as teorias feministas, trazem relevantes contribuições para se pensar tanto a sociedade de maneira geral, como também, a ciência e educação numa perspectiva crítica. Pois, compreende-se que as relações sociais e as desigualdades acabam influenciando na construção do conhecimento, por isso, a necessidade de se pensar e fazer uma ciência mais

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

equitativa, que respeite as diferenças e inclua os que geralmente se encontram invisíveis, nesse caso as mulheres.

Portanto, a discussão apresentada é uma chance vista a partir da Pedagogia Feminista e da Sociologia da Infância aliados aos estudos de gênero, de se compreender tanto as meninas como os meninos, enquanto detentores de conhecimento capazes de construir conhecimentos a partir de uma lógica mais equitativa, democrática e não discriminativa promovida através de práticas dialógicas que consideram e respeitam todos os sujeitos enquanto históricos e sociais, que constroem suas próprias identidades com autonomia.

Nessa perspectiva, vê-se uma possibilidade de mudança no campo epistemológico, em que a partir da crítica feminista, busca-se uma produção científica que dê visibilidade às mulheres e homens de forma equitativa, levando em consideração suas experiências e também, dificuldades, ou seja, apresenta-se como uma oportunidade de romper com o caráter “neutro” atribuído à ciência. Além disso, destaca-se a emergência de se repensar a educação para que as desigualdades possam ser superadas e se possa vivenciar uma sociedade mais democrática, principalmente na ótica do gênero.

Assim, ao relacionar a Epistemologia Feminista ao campo das práticas pedagógicas advindas da Pedagogia Feminista e da Sociologia da Infância, vê-se que estas perspectivas buscam fazer com que todas e todos tenham voz para expressar seus sentimentos, ideias e saberes, tomando o diálogo como prática constante para transformar, conscientizar e libertar, o que pode subsidiar uma mudança nos paradigmas de uma educação binária/sexista, que reforça constantemente uma perspectiva androcêntrica.

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. *Cadernos de InterPesquisas*, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. A contribuição da crítica feminista à ciência. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 288, janeiro-abril/2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a20v16n1.pdf>>. Acesso em: 03 de ago. de 2019.

CALVELLI, H. G; LOPES, M. de F. **A teoria do conhecimento e a epistemologia feminista**. Minas Gerais, 2012. Disponível em: <<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh4/trabalhos/Haudrey.pdf>>. Acesso em: 10 de ago. de 2019.

CORSARO, W. A. **Sociologia da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELGADO, A. C.; MÜLLER, F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 26, n. 91, maio/ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a02v2691.pdf>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

FARIA, A. L. G. de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. **Cadernos Pagu**, n. 26, jan./jun. 2006, p.279-287. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n26/30394.pdf>>.

FARIA, A. L. G.; FINCO, D. (Orgs.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011.

FARIA, A. L. G.; MACEDO, E. E. de; SANTOS, S. E. Movimentos Antropofágicos. In: GEPEDISC. **Infâncias e movimentos sociais**. Campinas, SP: Edições Leitura Crítica, 2015. p. 13-16.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Revista Estudos Feministas**. v. 1, n. 1, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/15984/14483>. Acesso em: 16 de ago. de 2019.

_____. **Ciencia y feminismo**. Tradução de Pablo Manzano. Madrid: Ediciones Morata, 1996.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento**. 7 ed. Portugal: António Correia, 1980.

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. **Cadernos de InterPesquisas**, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

- JENSEN, J. S. Epistemologia. **REVER: Revista de Estudo da Religião**, ano 13, n.2, p.171-191, 2013.
- LONGINO, H. E. Epistemologia feminista. In: GRECO, J.; SOSA, E. (org.). **Compêndio de Epistemologia**. São Paulo: Loyola, 2008. p. 505-545.
- LOURO, G. L. "Gênero, história e educação: construção e desconstrução". **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101-132, jul./dez. 1997.
- MORAES, M. C. M. Recuo da teoria: dilemas da pesquisa em educação. **Revista Portuguesa de Educação**, Lisboa, v. 14, n. 1, p. 7-25, 2001.
- PAIVA, M. S. TEORIA FEMINISTA: O desafio de tornar-se um paradigma. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 50, n. 4, p. 517-524, out./dez., 1997.
- RAGO, M. Epistemologia Feminista, Gênero e História. In: PEDRO; JOANA; GROSSI; MIRIAM (Orgs.). Masculino, Feminino, Plural. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998. Disponível em: <http://projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf>. Acesso em: 23 de ago. de 2019.
- SARDENBERG, C. M. B. Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? **Larys. Estudos Feministas**. v.11, p. 45, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/.../Versão%20Final%20Da%20Crítica%20Feminista.pdf>. Acesso em: 18 de ago. de 2019.
- SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância. **Educação e Sociedade**, v. 26, p. 361-378, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>. Acesso em: 12 de abr. de 2018.
- SARTI, C. A. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. In: **Estudos Feministas**, v. 12, n. 2, Florianópolis, 2004.
- SCOTT, J. W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. **Cadernos de InterPesquisas**, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>

SILVA, P. R. da S. A presença masculina na Educação Infantil: diversidade e identidades na docência. In: FINCO, D.; FARIA, A. L. G. de (Orgs.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2011, p. 105-118.

TESSER, G. J. Principais linhas epistemológicas. **Educar**, Curitiba, n. 10, p. 91-98, 1995.

SANTOS, T. C. C.. Educação e teorias do conhecimento: aproximações à epistemologia feminista e sociologia da infância. **Cadernos de InterPesquisas**, Curitiba, v.2, p.118-135, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10700654>